

Anna Mariano  
Athos Ronaldo Miralha da Cunha  
Claudio Noronha  
Jair Portela  
Marga Cendón  
Maria da Graça Rodrigues  
Valéria Surreaux

# A terceira viagem

*Contos*

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2023

# **Contos coletivos**

# A terceira viagem<sup>1</sup>

## Capítulo I

*Maria da Graça Rodrigues*

Ana Eulália conduzia o carrinho de compras através das gôndolas do supermercado quando se deparou com uma lata de biscoitos decorada com paisagem colorida onde crianças em trenós desciam uma colina repleta de pinheiros cobertos de neve. Àquela hora, ela deveria estar num lugar assim. Finalmente havia convencido o marido a realizar este seu velho sonho, conhecer a Noruega. Tanto a lua de mel na Itália como a comemoração de cinco anos de casados na Tailândia foram escolhas dele. Ela tinha aceitado, afinal, eram belos destinos também e valeram cada minuto e cada real empregado, só trouxera boas recordações dos passeios.

Desta vez conseguira impor sua vontade. Já tinha organizado o roteiro todo da viagem e seus quinze anos de casada seriam brindados entre fiordes, a bordo de um navio viking, não fosse a notícia cruel de que a gripe que surgira na China começava a se espalhar pelo mundo.

---

1. Conto selecionado para participar da Coletânea “Contos de Amor da Solar” — Vol. II.

Viajar seria algo que poucas pessoas no planeta poderiam fazer daquele momento em diante.

Olhou o relógio, onze horas, correu para o caixa, estava atrasada. Às vezes esquecia que não tinha a sua disposição a empregada doméstica dispensada em função da pandemia que obrigava todos a ficar em casa. Agora precisava fazer o almoço, tratar da limpeza da casa, vender apólices, fazer relatórios e ainda atender com paciência os telefonemas dos clientes e do chefe exigente.

Aguardando na demorada fila, Ana Eulália lia as manchetes dos jornais ali ao lado. As más notícias imperavam. O número de mortes ao redor do planeta aumentava minuto a minuto e, aliado a isso, filas de desempregados cresciam assustadoramente em todos os cantos do mundo. Essa queixa ela não tinha, mantivera o emprego trabalhando em casa. Vendas de seguro de vida nunca foram tão promissoras como naquele momento e sua carteira de clientes aumentava a cada dia. O mesmo não podia dizer o marido com o consultório dentário fechado.

Ana Eulália descalçava apressada os sapatos para entrar em casa e pensava que ainda teria que higienizar todas as embalagens das compras.

Antes mesmo que ela colocasse as chaves na fechadura, o marido abriu a porta, sacudindo com energia o gelo no copo de uísque.

— Podes me dizer o que aconteceu, Ana Eulália? A manhã inteira no súper? Ou foste te encontrar com teu chefe? Não basta passar horas e horas falando e trocando mensagens com o tal sujeito?

## Capítulo II

*Jair Portela*

Ana Eulália olhou por alguns segundos o marido e o copo. Um tinha se tornado o apêndice do outro. Pensou em responder, mas certamente entre réplicas e trélicas a confusão se perderia no tempo, trazendo ainda mais desconforto à casa. E era preciso considerar duas coisas, o que ela fazia já há algum tempo: os 15 anos de boa relação que tiveram e o momento pelo qual passava o marido, um profissional reconhecido e sempre ativo. Mas estava muito perto do seu limite.

— Você faça o favor de não me ignorar! Eu lhe fiz uma pergunta, ou devo considerar seu silêncio como consentimento?

— Alberto, estou apenas respeitando a nossa casa e o seu momento. Vou cozinhar. Aliás, isso era uma coisa que você costumava fazer e bem, vez por outra. Quem sabe não aproveitara que está em casa e me ajuda?

— Você está fugindo do assunto. E de lambuja, me chamando de vagabundo. Sei... Sinto que está me escondendo algo.

Ana Eulália largou as compras sobre o balcão da cozinha, caminhou lentamente até a cristaleira, apanhou um copo, co-

locou gelo e se serviu de uísque. A seguir, sentou-se no sofá e ficou olhando o marido inquieto e enraivecido.

— Alberto, sente aqui, vamos conversar.

Alberto não sentou. Ao invés disso, parou à frente da esposa com olhar e pose ameaçadoras.

— É o seguinte, meu amor. Antes de começar, quero deixar bem claro que você não me assusta, portanto, desarme-se. Dediquei toda a minha vida e ainda faço isso, àquilo que idealizamos há mais de 15 anos. E você sabe também, ou deveria saber, tudo o que tive de ceder para atender às suas vontades e ao seu conforto. Pois bem... Eu sei, o mundo sabe, porque estamos todos à mercê de um inimigo oculto, sobre quem não temos defesa, além de nos escondermos dele. Não é só com a economia ou com a saúde física que isso está mexendo. Mexe principalmente com a cabeça das pessoas, em especial com aqueles que são obrigados a abrir mão de sua profissão, momentaneamente, como é o seu caso.

— Ana Eulália, vamos abreviar o assunto. Você não me venha com obviedades. E não precisa jogar com essa historinha gasta da mulher que teve de abrir mão da vida para ajudar ao marido. Vamos aos fatos. Aqui e agora, você tem se encontrado com alguém?

— Voltando... O fato de você não estar podendo trabalhar, não significa que deva ficar o dia inteiro bebendo e exercitando o seu mau humor. Somos um casal, que até então vivia feliz. Bem. Para encerrar: estou disposta a desconsiderar essa sua falta de respeito comigo. Mas eu peço a você: use a minha paciência com parcimônia.

## Capítulo III

*Marga Cendón*

Alberto olhou a mulher por um longo instante e deu-lhe as costas. Calçou os sapatos e saiu batendo a porta. Não suportava o sermão velado da esposa certinha, a hipócrita que não errava; a que, mesmo com ganas de esbofeteá-lo, mantinha o equilíbrio de quem atravessa um vulcão sobre um fio de linha. Onde diabos encontrava tanta calma? Na cama de outro, é claro. Ele sentia isso no corpo rígido que abraçava, no beijo sem gosto, nos longos silêncios das tardes ao computador; no sono pesado que a levava para longe, mal a noite começava. Ganhou a calçada, acendeu um cigarro. A areia deserta na praia, no outro lado da avenida, dava-lhe a certeza de que o mundo havia mudado. Assim como Ana Eulália e ele próprio. E nunca mais seriam os mesmos. Andava entre fantasmas mascarados, cujos olhos miravam o imponderável. E ele, Alberto, era agora, mais um entre tantos. Virou a esquina. Cortinas de ferro enfeitavam vitrines; bares e cafés fechados. Nem mesmo a insistência dos pedintes entre os apressados ou os ambulantes do calçadão que alteravam a paisagem com barracas coloridas e mercadorias de procedência duvidosa.

A harmonia desarmonica de uma cidade deserta, feito maquete sinistra, plantada à sua frente.

Entre um telefonema e outro, Ana Eulália guardava enlatados, higienizava legumes e frutas, embalava peixes e frangos. Quisera organizar a própria vida como fazia com as gavetas do freezer e as prateleiras dos armários. O casamento, o trabalho, as viagens, os amigos. Tudo a seu tempo. Quem dera fosse possível. O vinagre de álcool com o qual lavava as verduras, ardia como as palavras de Alberto. Mas estava decidida. Dali em diante, não cederia um segundo sequer a ouvir disparates e acusações infundadas, nem seria refém das frustrações e paranoias dele. Sentia a paciência esgarçar-se como um véu de renda entre os anéis e colocava em cheque os próprios sentimentos. Quinze anos felizes não eram garantia de uma vida inteira. E talvez já não pudessem salvar dos escombros o que sobrara deles.

Secou as mãos e atendeu o celular.

— Sim? (...). Agora? Impossível. (...). Nem mais tarde, Alberto ainda não chegou. (...). Não sei, saiu sem rumo, no mesmo mau humor dos últimos dias. (...). Não, não... tenho que estar aqui quando ele voltar. (...). Quinta? (...). Vamos ver se consigo. (...). Também sinto saudade. (...). Outro pra você. — Desligou, preparou uma salada e almoçou sozinha.



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2023.

---